

O Impacto das Novas Mídias Digitais na Luta Pela Terra no Estado De Goiás¹

Dagmar Olmo TALGA²

Tiago MAINIERI³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

As novas mídias digitais são uma das mais importantes formas de comunicação na atualidade. Essas novas tecnologias do ciberespaço tem permitido experiências de produção e difusão de informações com sentido contra hegemônico, ou seja, um questionamento das novas lutas sociais populares frente ao capital neoliberal da globalização. Especificamente, os movimentos de luta pela terra tem se apropriado das novas mídias sociais. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo refletir sobre como as novas mídias digitais impactam a ação político-estratégica dos movimentos sociais no campo e o processo de luta pela terra no Estado de Goiás. Para além da revisão bibliográfica, reunimos informações de fontes secundárias e entrevistas com sujeitos do acampamento “Dom Tomás Balduino”, no município de Corumbá de Goiás - GO.

Palavras – chave

Novas mídias digitais; Movimentos Sociais; Luta pela terra; Goiás; Cidadania.

Introdução

A disseminação da Internet, a partir dos anos 1990, trouxe uma quebra dos padrões tradicionais de comunicação e também uma revolução no campo da informação. A Internet tem desempenhado o papel de anular a tradicional versão emissor/receptor e possibilitar vários canais de informação e comunicação, com diálogos horizontais e, pelo menos a priori, democráticos.

Com o surgimento e consolidação das novas mídias digitais, grupos sociais que, anteriormente, tinham acesso restrito à informação crítica e, principalmente, não tinham possibilidade de participar como sujeitos ativos na divulgação de notícias e/ou

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM - UFG). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo, pelo Centro Universitário do Triângulo – UNITRI. Especializanda em Gênero e Diversidade na Escola - UFG. Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – FIC/UFG. E-mail: ddtalga@hotmail.com

³ Co-autor e Orientador. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com doutorado sanduíche na Universidade da Flórida (EUA). Atualmente é professor e pesquisador dos cursos de graduação e de pós-graduação em Comunicação (mestrado e especialização) da FIC/UFG. Líder do grupo de pesquisa e estudos da “Comunicação em contextos organizacionais” – CNPq/UFG. Membro sócio da Abrapcorp e da Intercom. Pesquisador do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – FIC/UFG. E-mail: tiagomainieri@gmail.com

conhecimentos, assumiram relativo poder na construção do processo de comunicação digital, com destaque para os espaços da mídia independente.

É certo que a Internet constitui um campo hegemônico no controle da informação, tendo permitido o fortalecimento do capitalismo como modo de produção dominante. Por outro lado, este instrumento também traz uma contradição dialética interna, desde que permite a construção de processos comunicativos contra hegemônicos. Movimentos sociais de diferentes vinculações ideológicas têm utilizado as novas mídias digitais como canais privilegiados na articulação política e na construção de ações de transformação social.

No presente artigo, onde destacamos os movimentos de luta pela terra, o acesso às novas mídias digitais também tem sido amplo. Desde lideranças nacionais até a base de trabalhadores rurais acampados em diferentes partes do país tem utilizado tais instrumentos em diferentes perspectivas. A questão que se coloca, no entanto, é sobre quais os impactos deste processo. Por exemplo, enquanto há alguns anos um acampamento de trabalhadores rurais sem terra constituía local relativamente isolado, “blindado” pela necessidade de controle de informações/ações pelas lideranças dos movimentos sociais, nos últimos anos, os acampados têm tido a possibilidade de acessar e divulgar informações (especialmente pelo celular) cotidiana e instantaneamente.

Dessa forma, levantamos alguns questionamentos: quais impactos políticos a nova dinâmica no acesso e divulgação das informações tem influenciado no processo de luta pela terra no Brasil e, especificamente no estado de Goiás? Como o acesso a tais mídias tem influenciado na mudança de estratégias e nas estruturas sociais dos sujeitos no dia a dia de um acampamento sem-terra?

Como se processam as práticas informais de comunicação dos movimentos sociais, como resistência, bem como as apropriações que os indivíduos realizam das novas mídias digitais em um intercâmbio de mensagens que transita no ciberespaço?

Que mudanças são trazidas por essas novas tecnologias midiáticas e o que contribuem para a formação política e democratização da comunicação entre os trabalhadores rurais sem terra acampados?

No sentido de refletir sobre tais questões, no âmbito de tal problematização, selecionamos o acampamento de luta pela terra “Dom Tomás Balduino”⁴ situado no

⁴ O acampamento “Dom Tomás Balduino” surgiu no mês de agosto de 2014 mediante a ocupação da fazenda Santa Mônica, localizada na cidade de Corumbá de Goiás/GO, realizada por mais de três mil famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A propriedade é um aglomerado de imóveis rurais com mais de 21 mil hectares,

município goiano de Corumbá de Goiás, enquanto recorte espacial de nossa pesquisa. Todos os nossos questionamentos serão verificados neste espaço, tais como: a utilização das novas mídias digitais como ferramentas de reivindicações de suas demandas; articulação de atividades políticas e formativas; formas de estabelecer canais diretos com seu público; maneiras de divulgar e publicizar suas ações por meio da internet.

O artigo traz resultados parciais de uma pesquisa de mestrado da autora junto à linha de Mídia e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. A pesquisa surge das inquietações advindas das atividades profissionais ocorridas desde 2006, durante a assessoria audiovisual para a Animação Pastoral e Social no meio Rural (APR), na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais, quando a autora aproximou-se dos movimentos sociais e da luta pela terra.

A partir dessa experiência profissional ao longo dessa última década percebemos a relevância de pesquisas sobre as novas mídias digitais e a luta pela terra. Nessa perspectiva, o artigo tem por objetivo compreender como as novas mídias digitais impactam a ação político-estratégica dos movimentos sociais no campo e o processo de luta pela terra no estado de Goiás.

A construção do caminho metodológico deve possibilitar o alcance dos objetivos inicialmente estabelecidos. Especificamente, a reflexão se dá a partir da revisão bibliográfica de autores referenciais no campo das novas mídias digitais na luta pela terra, e da pesquisa exploratória por meio de fontes secundárias e entrevistas que foram realizadas com sujeitos do acampamento “Dom Tomás Balduino”, situado no município de Corumbá de Goiás, estado de Goiás.

As novas mídias digitais e os movimentos sociais

A era da informação constitui o novo momento em que a base de todas as relações se estabelece através da comunicação e da sua capacidade de processamento e de geração de conhecimentos. Essa realidade Castells (1999) denomina “sociedade em rede”, que tem como novo, a apropriação da Internet e de todos os seus aspectos incorporados pelo sistema do capital globalizado.

entre os mais de 90 imóveis rurais registrados no nome do senador e ex-ministro das comunicações Eunício Oliveira, do PMDB/CE. Os trabalhadores deram o nome ao acampamento em homenagem ao bispo emérito de Goiás/GO, um dos fundadores da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Dom Tomás Balduino.

Para alguns autores, como o próprio Castells, as novas mídias digitais revolucionaram o processo comunicativo e a interação promovida por ele, abrindo novas possibilidades em que qualquer um pode criar seu conteúdo para utilização de outras pessoas. Dessa forma, o receptor também pode ser um emissor, postando suas contribuições, criticando ou corrigindo, de forma a constituir o espaço virtual como um espaço público e social. Além disso, como destaca Castells (2003, p. 285): “O fato de ser horizontal essa comunicação, de sujeito para sujeito, significa que eu posso criar meu próprio sistema de comunicação na internet, posso dizer o que quiser, posso comunicá-lo”.

Para Castells (2003) a cultura da internet é a cultura de seus próprios criadores, a mídia se estabelece como lugar aberto para as aspirações e ideias dos próprios usuários que utilizam o meio em suas relações diárias. No ciberespaço cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço diferenciado, e infinitamente explorável.

[...] ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir. Qualquer tentativa para reduzir o novo dispositivo de comunicação às formas midiáticas anteriores (esquema de difusão "umtodos" de um centro emissor em direção a uma periferia receptora) só pode empobrecer o alcance do ciberespaço para a evolução da civilização, mesmo se compreendemos perfeitamente — é pena — os interesses econômicos e políticos em jogo. (CASTELLS, 2009, p. 126).

No mesmo sentido, Pierre Lévy (2003) sintetiza:

No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber. (LÉVY, 2003, p. 113).

Assim, os sujeitos criam canais de resistência e promoção de lutas através dos seus espaços de comunicação, em diferentes formatos, assumindo o papel de agentes socioculturais. O uso desses canais digitais como a internet na forma de ativismo midiático é uma importante ferramenta no desenvolvimento de novas estratégias de visibilidade na esfera pública, que não mais dependem dos meios de comunicação tradicionais para conquistar reações na sociedade.

Neste caminho seguem os movimentos sociais contra hegemônicos de diversos segmentos, se apropriando das mídias digitais para difundir suas ideias, campanhas, produtos e informações.

Os movimentos sociais no Brasil têm sua organização histórica marcada pelos grandes conflitos contra governos, empresas, e organizações, lutando principalmente por liberdade e democracia. São incontáveis reivindicações que ocorreram na história da humanidade, sobretudo, acontecimentos marcados por ações das massas revolucionárias e da entrada delas no universo da política, da economia, da cultura, das ações coletivas, tornando-se uma sociedade com um caráter mais visível as distintas formas de se organizar, e expressar suas demandas sociais, que ao longo da história tinham sido monopolizadas por setores hegemônicos da sociedade.

Segundo Maria da Gloria Gohn (2003, p.13), os movimentos sociais movem-se a partir de necessidades presentes contra a velha opressão em busca do novo, criando identidades a grupos antes dispersos e desorganizados, projetando em seus participantes, sentimentos de pertencimento.

Nós os vemos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denuncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios a ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações, etc.), até as pressões indiretas. (GOHN, 2003, p.13)

Neste sentido, Manuel Castells (2013) destaca a comunicação rediática, a partir das manifestações ocorridas recentemente ao redor do mundo e que tiveram como palco a internet, mencionando que:

Ninguém esperava. Num mundo turvado por lição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram. Os mágicos das finanças passaram de objetos de inveja pública a alvos do desprezo universal. Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona. Sem confiança o contrato social se dissolve, e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência. Entretanto, nas bordas de um mundo que havia chegado ao limite de sua capacidade de propiciar aos seres humanos a faculdade de viver juntos e compartilhar sua vida com a natureza, mais uma vez os indivíduos realmente se uniram para encontrar novas formas de sermos nós, o povo. (CASTELLS, 2013, p. 09)

Neste contexto, a comunicação como meio e identidade das relações da fala e dos sentidos, participa como principal aspecto de um movimento social, identificando suas ações, bem como sua própria vivência e existência. Paulo Freire em *Extensão ou Comunicação* (1982, p. 65) nos diz que: “A “estrutura vertical”, o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano”. A comunicação está imbricada em todas as ações, como forma de integração da sociedade, e os movimentos sociais populares mobilizam-se coletivamente a partir de novas conjunturas e inovações midiáticas disponíveis e acessíveis para quem dela tenha acesso.

[...] os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. Por isso, exercitam o que Habermas denominou como o agir comunicativo. A criação e o desenvolvimento de novos saberes são produtos dessa comunicabilidade. (GOHN, 2003, p.13)

Como exemplo de tal processo, podemos citar um dos movimentos sociais mais conhecidos do mundo, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que ficou conhecido em 1994 com base na utilização da internet, desde que conseguiram noticiar a situação marginalizada em que viviam os indígenas e os camponeses no Estado Mexicano de Chiapas, agregando solidariedade por todo o mundo.

Acrescenta Castells:

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e quando necessário pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. (CASTELLS, 2013, p.10)

Os grupos e coletivos sociais desenvolvem um sistema próprio de comunicação que cumpre um propósito de formação e mobilização, dando visibilidade ao movimento no ambiente virtual, expressando identidades de resistência num ativismo político que acontece nas redes on-line.

As mídias independentes se desenvolvem na mesma capacidade de articulação dos movimentos sociais, decorrentes do “[...] processo político social e que, enquanto

instrumentos, são capazes por si mesmos de alterar de forma substantiva a realidade social” (FESTA, 1986, p. 30). A mesma autora (FESTA, 1986, p. 11) destaca ainda que: “As partes excluídas do sistema capitalista começaram a se organizar através de ações coletivas em prol de suas reivindicações, criando um novo ator político: os movimentos sociais”.

Os movimentos sociais não ocorrem por acaso. Eles têm origem nas contradições sociais que levam parcelas ou toda população a buscar formas de conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe de poder, e postulam novos espaços sociais, ora através de confrontação ora por participação. (FESTA, 1986, p. 11).

E para essa grande parcela excluída e marginalizada de grupos e indivíduos sociais a Internet se mostra um meio de comunicação eficaz, exigindo uma reflexão sobre seu potencial democrático e sobre o debate político, podendo se constituir em um instrumento de emancipação e transformação social.

Os sujeitos da terra e o ciberespaço – o caso do Acampamento Dom Tomás Balduino

No acampamento Dom Tomás Balduino, em Corumbá de Goiás, no Estado de Goiás, 98% das mais de três mil famílias acampadas cadastradas, segundo o Movimento dos trabalhadores rurais sem Terra (MST/GO), são oriundas das cidades polo da região e de Goiânia. Essas famílias saem principalmente das periferias e bairros onde os direitos básicos das pessoas muitas vezes não são garantidos pelo estado. Com esse movimento de retorno ao campo se evidencia um homem urbanizado, com características típicas urbanas.

Junto desse homem urbano, que “retorna” para o campo, vão todas as lembranças e necessidades para esse novo sertão desconhecido, que outrora fora povoado pelos seus pais, avós ou bisavós. Gerações que ao longo dos tempos, quando expulsos de suas terras nos anos de 1960 e 1970 no êxodo rural pela revolução verde⁵, onde a terra deixava de ser livre para ser aprisionada como mercadoria pelo capital, perderam suas características tradicionais de sobrevivência. Entretanto, esses sujeitos agora retomam a terra, e dela tentam tirar o seu alimento e o seu sustento. Neste sentido, o coordenador estadual de Goiás da Comissão Pastoral da Terra (CPT) Fábio José da Silva⁶ (2015) nos evidencia a segregação desse camponês que se torna refém do capital globalizado.

⁵ Segundo José de Souza Martins, revolução verde foi imposta pelo governo dos Estados Unidos, na década de 1960, no discurso de aumento da produção agrícola e a erradicação da fome no mundo, como forma de vender mais insumos agroquímicos e suas mercadorias agrícolas. Ver: MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

⁶ Fábio José da Silva, coordenador Estadual da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em entrevista com a autora em 07 de julho de 2015 na Cidade de Goiás – GO.

Dentro de 40 anos de trabalho da pastoral junto a todos os movimentos sociais de luta pela conquista da terra e também pela permanência na terra, não conseguimos ter mudado as estruturas que possibilitam a democratização da terra e a regulamentação fundiária de camponeses no Brasil. O país passou pela redemocratização, mas ainda hoje a terra não é de acesso democrático para aqueles que produzem alimentos. E pelo que parece, muitos movimentos sociais e a própria pastoral infelizmente vão ter ainda muito trabalho nos anos que sucedem, porque as estruturas ainda continuam as mesmas, que mantem a terra sobre o poder do capital, para especulação do capital, e cada vez mais aglomerada nas mãos dos latifúndios. E quando os camponeses se encorajam e tomam posse de áreas devolutas, e que estão sendo inexploradas, correm o risco de serem expulsos porque não tem legalidade da propriedade da terra, que para nós não tem significado nenhum a legalidade da propriedade, mas tem significado a terra como bem comum, tomada e cultivada por camponeses produzindo alimentos e vida. (Informação verbal, Fábio José da Silva, Goiás. 2015)

Conforme podemos observar na foto 1, esse sonho da conquista da terra por esses sujeitos permanecem constantemente na luta frente ao processo de aglomeração.



Foto 1: Acampamento Dom Tomás Balduino – Corumbá de Goiás – GO/Dezembro 2014.

Foto: Dagmar Olmo Talga. Acervo: GWATÀ/UEG.

Neste contexto, as novas tecnologias incorporadas na realidade do sujeito urbano e agora sem terra, são fundamentais nesse novo processo de vida camponesa contemporânea.

Com a utilização das tecnologias como observamos na foto 2 abaixo, esse sujeito promove mudanças na constituição do lugar onde está influenciando tudo a sua volta com o

seu comportamento, sua cultura, suas relações sociais e principalmente sua ação político-estratégica na conquista da terra.



Foto 2: Acampamento Dom Tomás Balduino – Corumbá de Goiás – GO/Junho 2015.
Foto: Murilo Mendonça Oliveira de Souza. Acervo GWATÀ/UEG.

Segundo José Valdir Minerovisk⁷ (2015), da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), as novas tecnologias estão sendo incorporadas nessa luta no campo de forma substancial e significativa, ainda que em pequenas doses,

Ainda não existe um estudo que possa afirmar que as redes sociais e as novas comunicações, essa interação que existe, e o uso desses meios na luta pela terra, em especial no caso aqui do acampamento Dom Tomás Balduino, se isso de fato tem contribuído para a formação. O que se percebe é que se tem contribuído para a circulação de informação. Agora a uma diferença muito grande entre conhecimento e informação. O que lá está acontecendo com a rádio, com esses meios da comunicação nas redes sociais, ele tem dado uma dinâmica no processo de articulação, de circulação das informações, de mobilizar as pessoas. E mais ainda, não existe nada que possa dar essa informação com precisão de que isso tem contribuído para a formação e para o avanço de conhecimento e na formação política de uma lógica propriamente dita. O que, e acho que ainda é cedo, mas, me parece que a formação política e ideológica, essa sim, perpassa por aquela combinação da prática, e da teoria, ou seja, é a luta, é o estudo, é a pesquisa. O que é muito limitado por esses meios

⁷ José Valdir Minerovisk da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em entrevista a autora, no dia 26 de maio de 2015 em Goiânia – GO.

digitais que hoje estão sendo muito usados. (Informação verbal, José Valdir Minerovisk, Goiás-GO. 2015).

Os meios de comunicação hegemônicos, a partir de um discurso ideológico, tentam se posicionar como neutros e imparciais. O mapa da mídia no Brasil revela que os meios estão ligados a grandes grupos empresariais, cada vez mais fortes e concentrados. No caso específico da luta pela terra, esse domínio é mais concentrado ainda, conforme afirma José Valdir Minerovisk (2015) do MST:

A mídia brasileira, assim como o Estado e o latifúndio são os principais inimigos do MST, dos movimentos que fazem a luta pela terra, dos que fazem um movimento pela justiça, social e ambiental em nosso país. Por isso classificamos como um dos principais entraves na disputa ideológica e na luta pela democratização do acesso a terra em nossa sociedade. (Informação verbal, José Valdir Minerovisk, Goiás-GO. 2015).

Ainda segundo José Valdir Minerovisk (2015), a mídia nunca demonstra em suas pautas as verdadeiras características do MST, o que traz sempre é sua marginalização. Aqui ele menciona algumas dessas características:

Com relação ao movimento e a sua definição, a várias formas e várias definições conceituais de movimento. O MST é um movimento considerado de novo tipo, porque ele reúne três características, que se completam, o caráter político, o caráter popular e o caráter econômico. Essa combinação de caráter acaba caracterizando o MST como movimento tipo novo. Ele surge no período histórico, em que a uma iniciação de movimentos que são considerados autônomos, na tradição da esquerda. Os movimentos sociais sempre tiveram um papel de corrente de transmissão de um partido ou de outra organização. No caso do MST ele consegue ter essas características, e ter sua autonomia política, econômica, e ter um projeto maior que é um projeto de transformação. Mas isso é uma longa discussão, tem que ser trabalhado, entendido, e compreendido do ponto de vista conceitual e histórico. (Informação verbal, José Valdir Minerovisk, Goiás-GO. 2015)

Somando-se à luta dos acampados no Dom Tomás Balduino existe um comitê de apoio formado por professores universitários, estudantes, advogados, políticos, religiosos, jornalistas e leigos, distribuídos em diversas instituições como a Universidade Federal de Goiás, Universidade de Brasília, Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual de Goiás, e de movimentos como: Comissão Pastoral da Terra (CPT), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Um dos membros da comissão executiva do Comitê, o professor e pesquisador da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Murilo Mendonça Oliveira de Souza⁸ (2015) menciona que, para além do apoio as famílias acampadas, o comitê surgiu como canal de informação e comunicação interna e externa:

O comitê de apoio e solidariedade ao Acampamento Dom Tomás Balduino foi criado no sentido de fortalecer o canal de comunicação entre as famílias acampadas e lideranças do movimento com a sociedade de forma geral. Ao mesmo tempo tem como objetivo constituir um grupo de reflexão sobre a questão agrária e a luta pela terra em Goiás de forma geral e específica. O comitê se reúne periodicamente entre seus membros e também com lideranças e famílias acampadas. Além disso, entre as pessoas do comitê, o fluxo de informações ocorre principalmente pelo whatsapp e email. Especificamente o whatsapp tem representado um espaço essencial para o comitê, desde que, permita a discussão de questões relevantes para o grupo, assim como, a construção de textos informativos de forma rápida e eficiente. As mídias digitais são essenciais para o comitê, facilitam a comunicação com as famílias acampadas e com as lideranças do MST e, também, facilitam o fluxo de informações internas do grupo. A amplitude assumida pelas mídias digitais nos últimos anos tem constituído uma possibilidade de dialogo com a sociedade que extrapola os limites da grande mídia. Para o comitê estes instrumentos permitem a antecipação da grande mídia pelas informações divulgadas nas mídias digitais. (Murilo Mendonça Oliveira de Souza, Corumbá de Goiás - GO. 2015)

Nesse processo de construção da informação dentro do acampamento, e que são veiculadas nos meios digitais, as mensagens polarizadas nas redes sociais formam uma opinião dos próprios sujeitos da luta, que construindo suas próprias notícias, sintetizam uma ação contra hegemônica, frente ao modelo midiático concentrador e excludente da grande maioria pobre na luta pela terra.

Somando-se a inúmeras frentes de informação, está o Laboratório de Comunicação da Universidade Federal de Goiás (criado juntamente com professores vinculados à Faculdade de Comunicação e Informação), responsável por uma rádio comunitária. A rádio funciona como podemos ver na foto 3 abaixo, na sintonia CYC 104.9 FM, intitulada: “A Voz do Trabalhador”, e sua programação gera 12 programas diários veiculados entre as seis horas da manhã e as 22 h, realizados exclusivamente pelos acampados do Dom Tomás Balduino. A audiência engloba um raio de 300 a 500 km de distância na região.

⁸ Murilo Mendonça Oliveira de Souza, professor e pesquisador da Universidade Estadual de Goiás (UEG), membro da comissão executiva do Comitê de Apoio e solidariedade ao Acampamento Dom Tomás Balduino, em entrevista a autora em 06 de julho de 2015, em Corumbá de Goiás – GO.

Lindomar Ferreira⁹, um dos locutores da rádio, narra seu programa numa alegria, como se a esperança brotasse das cordas vocais e a inundasse de força para a conquista da tão sonhada terra prometida num futuro muito próximo:

É isso ai, estou de volta sempre com essa moçada na CYC 104.9, que é a **vois do trabaiado** FM. E aqui pra você o Lindomar Ferreira, sempre todos os dias com essa moçada aqui do movimento que **tá** todos os dias escutando o meu programa, é o programa Lindomar Ferreira, rolando só **modão**, na nossa radio aqui do movimento né. **To** aqui ajudando esse movimento um pouco, eles merecem ser ajudado por Lindomar Ferreira. O meu programa é das 10 até às 11 horas da manhã rolando só **modão**. E fala nisso, sou musico tomem. Canto e faço moda de viola tomem que **judá** eles no movimento tomem. E **vo** da um abraço da dupla **Osma e Osmaí**. Que sempre tá com seu radio ligado **escutano** o nosso programa. E bom dia a todos e **tchau tomem**, que **nóis vai ta** no próximo assentamento assentado, se Deus **quize nos próximo dia**, né! Um abraço do **Lindomá né**, e do **Osma e Osmaí** e do nosso grande amigo nosso aqui, o Durval, né! O Durval que tá aqui né na sintonia! Gente fala nisso, até a próxima, tchau gente, tchau, um abraço e tchau, tchau! [SIC] (Informação verbal, Lindomar Ferreira, Corumbá de Goiás – GO. 2015).

⁹ Lindomar Ferreira, acampado no Acampamento Dom Tomás Balduino em entrevista a Murilo Mendonça Oliveira de Souza no dia 06 de julho de 2015, no município de Corumbá de Goiás – GO.



Foto 3: Acampamento Dom Tomás Balduino – Corumbá de Goiás – GO/Julho 2015.
Foto: Jaqueline Vilas Boas Talga.

Os meios utilizados no acampamento por sujeitos ligados diretamente ou não com a luta pela terra têm introduzido uma gama de informações que geram formas específicas e condições de expressões independentes. O filósofo e jornalista Carlos Josafhat (2006) expressa suas linhas reflexivas sobre esse assunto:

A internet possibilita a qualquer pessoa, mesmo de poder aquisitivo reduzido, sair da recepção passiva de mensagens, captadas, elaboradas e transmitidas por quem tem grande poder econômico, técnico e cultural, como é o caso da televisão. Permite assim chegar e intervir, a interagir, a criticar, as comunicações propostas, a enviar mensagens novas, a criar parceria, constituindo e alargando um público que tem algo de próximo, superando a massificação e o anonimato. Pois é um processo de livre cooptação que se passa entre os internautas já conhecidos e que se vai entendendo aos novos, descobertos pelos caminhos da navegação. [...] Desde seus inícios, a mídia suscitou o problema espinhoso, se não praticamente insolúvel: uma alternativa seria possível, seria viável outra informação que escape da dominação das forças econômicas, que não são neutras, menos ainda comprometidas com o bem geral e os interesses dos menos favorecidos? (JOSAFHAT, 2006, P. 177)

Os depoimentos e relatos colhidos na fase exploratória da pesquisa, apesar de indicarem a necessidade de aprofundamento e desdobramentos da mesma, sinalizam, em boa medida, a atual realidade dos sujeitos acampados na luta pela terra frente à era da informação, bem como os questionamentos acerca das lutas sociais populares e das resistências dela decorrentes, nas mudanças da sociedade em rede.

Algumas considerações

Em relação ao processo de mobilização social a partir de estruturas midiáticas como a Internet (envio de *emails*, *whatsapp*, *blogs*, páginas, etc.) vislumbra-se um horizonte de perspectivas, na medida em que ela mostra-se como uma alternativa ao discurso midiático da imprensa brasileira permeado por grandes corporações que limitam suas informações ao poder ideológico e necessidades econômicas.

Neste artigo, procurou-se evidenciar a realidade das novas mídias digitais na luta pela terra no Estado de Goiás, por meio dos sujeitos acampados no acampamento Dom Tomás Balduino em Corumbá de Goiás – GO. As reflexões iniciais apresentadas apontam a necessidade de ampliação e aprofundamento acerca do próprio potencial da internet. Enfatizar a cidadania construída com base na participação, no acesso à informação e também na possibilidade de comunicação diferenciada, é essencial para uma comunicação democrática.

Se por um lado, as novas mídias digitais deram a oportunidade aos ativistas sociais terem suas próprias estruturas de comunicação, por outro lado, a falta de acesso de uma grande parcela da sociedade a elas é uma realidade. A possibilidade de democratização plena da informação alça uma cidadania midiática ideal, que segundo Tuzzo (2014, p. 161), “no sentido ideal, a cidadania representa muito mais do que nascer, mas, sobretudo, significa o existir socialmente”. E neste paralelo, soma-se a construção de conhecimentos diretamente na vida dos sujeitos envolvidos na luta pela terra que tem acesso as mídias digitais, potencializando o início de uma democratização social dos meios de comunicação.

A atuação frente aos meios de comunicação hegemônicos, por meio dos espaços criados na internet, proporciona uma circulação maior e imediata de mensagens que afrontam a estrutura tradicional na sociedade do capital. Quando trabalhadores rurais sem terra reclamam o seu direito a terra, de viver e de trabalhar nela, valendo-se de meios contemporâneos de tecnologias digitais, podem assim estruturar-se as reivindicações

políticas, econômicas, sociais e culturais de um mundo melhor para os mais esquecidos na sociedade. Como lembra Paulo Freire (1982, p. 67): “comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos”.

Referências:

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, Dênis de (org.). Por outra comunicação – Mídia, mundialização cultura e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Castells, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FESTA, Regina. **Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa**. In: FESTA, R.; LINS

DA SILVA, C. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira – Prefácio de Jacques Chonchol 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

GOHN, Maria da Glória: **Movimentos sociais no início do século XXI: artigos e novos atores sociais**/Maria da Glória Gohn, (organizadora), - Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JOSAFHAT, Carlos. **Ética e Mídia: Liberdade, responsabilidade e sistema**/Carlos Josafhat. – São Paulo: Paulinas, 2006. – (Coleção ética e sociedade).

LE MOS, André. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia** / André Lemos e Pierre Lévy. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

TUZZO, Simone Antoniaci. O lado *sub* da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia. In: TUZZO, Simone Antoniaci. PAIVA, Raquel (Org.). **Comunidade, mídia e cidade: possibilidades comunitárias na cidade hoje**. Goiânia: Cirgráfica, 2014.